



Em busca do método: a metodologia econômica da Economia Política Clássica

palavras-chave: filosofia da ciência; metodologia econômica; economia política clássica

Yan Gonçalves Nitschke [IE-UNICAMP]

Prof. Dr. José Ricardo Fucidji (orientador) [IE-UNICAMP]

1. Introdução

O estado da ciência econômica atual - suas premissas metodológicas, suas técnicas de pesquisa e seus resultados teóricos - é resultado de um longo período histórico entremeadado por diferentes visões do que se deve entender por ciência econômica e de como fazer ciência, que são por sua vez tributárias de diferentes contextos políticos e intelectuais. Por conta disso, esta pesquisa teve como objetivo investigar um contexto particular da história do pensamento econômico - a Economia Política Clássica - buscando entender como os principais autores de um campo de investigação científica em consolidação pensavam ser a metodologia mais apropriada para seu objeto de estudo.

A economia política clássica teve sua inspiração metodológica no iluminismo escocês e inglês do século XVIII. Tendo como contexto intelectual as contribuições de filósofos como David Hume, René Descartes e Isaac Newton, e como contexto histórico a passagem do capitalismo comercial para o capitalismo industrial, a consolidação da burguesia enquanto classe dominante e obras políticas que contestavam o Antigo Regime, os economistas políticos clássicos buscaram inspiração nas ciências naturais - principalmente na mecânica newtoniana - para tentar formar sistemas de pensamento e formular leis e princípios que fossem capazes de explicar fenômenos da esfera social.

2. Metodologia

A metodologia do projeto consistiu em realizar uma revisão bibliográfica de artigos científicos em periódicos acadêmicos e capítulos de livros que compõem a literatura relevante sobre a

metodologia dos três economistas políticos clássicos analisados para, em seguida, oferecer uma síntese da visão metodológica de cada autor.

3. Resultados, Discussão e Conclusão

3.1 A Metodologia de Adam Smith

A influência da história não pode ser ignorada na obra de Adam Smith. Segundo Dow (2009), o autor utiliza o *método histórico-analítico*, construindo sistemas que são capazes de explicar uma vasta gama de fenômenos com poucos princípios gerais. Este procedimento de explicar fenômenos a partir de sistemas era acompanhado por um esforço para construir uma filosofia fundada na razão, que pudesse oferecer uma teoria da natureza humana. O método histórico-analítico é a herança mais evidente do iluminismo escocês no pensamento de Adam Smith: Indução e dedução são combinadas, retirando padrões a partir de fatos históricos.

Um aspecto importante da teoria smithiana é a presença do evolucionismo na história (Evensky, 2009). A humanidade teria evoluído em quatro estágios, sendo o último o mais desenvolvido. Em cada estágio, instituições e indivíduos evoluem mutuamente e se reforçam uns aos outros. Segundo Evensky (2009, p. 116), essa concepção da história de Smith é vital porque é a partir dela e do equilíbrio dos *sentimentos morais* (amor próprio, justiça e beneficência) que movem os indivíduos que o “plano liberal de liberdade, igualdade e justiça” pode ser atingido”.

Segundo Redman (1991), Adam Smith pode ser considerado um *newtoniano*. A influência de Isaac Newton na elaboração das suas obras é vista principalmente através da noção de sistemas. Assim como Newton buscou explicar vários fenômenos físicos a partir de alguns poucos princípios ou leis, Smith buscou explicar fenômenos sociais a partir de princípios e relações causais presentes na sociedade. O objetivo de Smith seria, portanto, achar as “leis de movimento do mundo social” (Redman, 1991, p.211).

Mesmo que, para Smith, fosse impossível conhecer as reais causas por trás dos fenômenos, a construção de sistemas era um caminho desejável para o conhecimento, já que estes serviriam enquanto aparatos imaginários *próximos* da realidade para prover um conhecimento prático de caráter provisório. Portanto, os sistemas de Smith não são imutáveis. Com a observação de novos fenômenos, sistemas que antes eram considerados adequados para explicar a realidade podem ser descartados ou modificados a partir de critérios estéticos, racionais e experimentais (Dow, 2009). Além destes três critérios, a retórica também cumpre um papel central para a aceitação ou rejeição de um sistema.

Grande parte dos escritos smithianos que tratam de metodologia são encontrados na sua obra *The History of Astronomy*. Ao comparar os sistemas astronômicos de Kepler, Descartes e Newton, Adam Smith têm como objetivo mostrar que estes buscaram representar estruturas realmente existentes que não são observáveis, mas que têm aparências que são, estas sim, observáveis. Dito de outra forma, o objetivo dos sistemas teóricos seria o de revelar, da melhor

maneira possível e com possibilidade de serem modificados ou substituídos ao longo do tempo, essências *inobserváveis* que se manifestam através de aparências *observáveis* (Kim,2012).

3.2 Thomas Malthus e David Ricardo: Convergências e Controvérsias

Em sua obra, Thomas Malthus tem uma grande preocupação com a questão empírica. Para o autor, uma teoria deveria ser descartada caso não fosse possível validá-la através de observações da realidade. Ademais, o autor considera que o estudo de leis que regulam o funcionamento da sociedade pode ser uma tarefa difícil, dado que a ação humana não poderia ser reduzida a um número pequeno de motivações. Por conta disso, outra dificuldade de ordem metodológica é a impossibilidade de reduzir o estudo da ação humana ao cálculo matemático (Cremaschi e Dascal, 1996).

Outro aspecto importante da obra de Malthus é a ideia de que os fenômenos sociais são multicausais e apresentam efeitos de ação e reação. O autor concordava com o uso de generalizações e simplificações desde que fossem coerentes com a observação empírica. Mesmo assim, uma teoria sobre as causas de um determinado fenômeno não poderia ser refutada apenas por alguns poucos fenômenos que não são explicados pela teoria. Neste sentido, Cremaschi e Dascal (1996) apontam três tipos de leis que Malthus propunha: proposições prováveis ou gerais, princípios gerais e leis fixas da natureza, que teriam diferentes graus de generalidade e presença de exceções que poderiam invalidá-los.

A multicausalidade presente na obra malthusiana não era apenas um exercício de listar as causas de um determinado fenômeno. Ao invés disso, o autor criou tipos de causas e hierarquias entre elas, com algumas causas tendo maior poder explicativo do que outras. Segundo Pullen (2016), os tipos de causas podem ser enumerados como causas circulares, mútuas, recíprocas, interativas, interconectadas e interdependentes. Além destas, causas transversas, de oposição, de interrupção e de limitação também merecem destaque.

A definição do objeto de estudo da Economia Política de Malthus era radicalmente diferente de seu interlocutor nas controvérsias (Ricardo). Para Malthus, as proporções entre variáveis (como salários e lucros) tinham papel fundamental na teoria e forneciam informações valiosas para a construção de leis e princípios.

Ao contrário de Thomas Malthus, a economia política de David Ricardo é centrada na simplicidade das leis e na busca por explicar fenômenos a partir do menor número de princípios possível, aproximando-se da *monocausalidade*. De forma similar ao Iluminismo Escocês e o método histórico analítico utilizados por Smith, o *unitarismo* de Ricardo legou para sua obra noções como a de que nosso conhecimento não consegue alcançar a real essência das coisas e que a teoria também precisa de comprovação empírica.

Ricardo prezava pela precisão da linguagem e preferia utilizar a simplicidade e abstração para a construção de suas teorias. Ao contrário de Malthus, que buscava encontrar causas, Ricardo preferia determinar *leis*, com o argumento de que as causas são demasiado amplas, podendo ser naturais, acidentais, constantes ou temporárias. Por prezar pela determinação de leis mais gerais do funcionamento da economia política, Ricardo tinha preferência por leis naturais e constantes, construídas através da abstração do objeto estudado e, se possível, através do ferramental matemático (Cremaschi e Dascal, 2015, p.21).

De forma a validar suas leis e princípios, Ricardo argumentava que a teoria deveria se ater a explicar *casos fortes*, que seriam situações teoricamente idealizadas e sem correspondência direta com os fenômenos do mundo real, ainda que tenham inspiração nestes (Cremaschi e Dascal, 2015). Essa opção metodológica levou Ricardo a utilizar *axiomas* para explicar uma vasta gama de fenômenos. Entre eles estão i) a lei de retornos decrescentes; ii) o princípio da população e iii) a lei de Say. Junto ao terceiro axioma, que embasa até hoje grande parte da literatura macroeconômica, a lei da oferta e demanda - considerada por De Marchi (1970) como um quarto axioma - é peça fundamental para a compreensão da economia até os dias atuais.

Ainda que, num primeiro momento, os temas tratados nesta pesquisa possam parecer distantes das questões metodológicas atuais, percebeu-se, durante a atividade de pesquisa, que muitos autores posteriores aos tratados neste trabalho se baseiam nos escritos de Adam Smith, David Ricardo e Thomas Malthus, mesmo quando a Economia Política Clássica não é o paradigma adotado por tais autores. Questões como a importância da história, a extensão do uso da matemática, a construção de modelos teóricos e, mais amplamente, o uso da dedução e da indução são até hoje relevantes para o debate metodológico dentro das ciências econômicas e, portanto, o estudo da metodologia dos Economistas Políticos Clássicos pode ajudar a ciência econômica a entender melhor a si mesma.

4. Bibliografia

ASPROMOURGOS, Tony. "Ricardo on Smith" in: Kurz, Heinz D.; Salvadori, Neri (eds.) *The Elgar Companion to David Ricardo*, p. 466-477. Cheltenham: Edward Elgar, 2015.

BERRY, Cristopher J. "Smith and Science". In HAAKONSEN, Knud. *The Cambridge Companion to Adam Smith*, p. 112-35. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

CREMASCHI, Sergio. "Adam Smith: Skeptical Newtonianism, Disenchanted Republicanism, and the Birth of Social Science" in: M. DASCAL, Marcelo; GRUENGARD, O. (eds.) *Knowledge and Politics* 83-110. San Francisco, Westview Press, 1989. p. 83-110.

CREMASCHI, Sergio. "Malthus-Ricardo Debate" in: Kurz, Heinz D.; Salvadori, Neri (eds.) *The Elgar Companion to David Ricardo*, p. 279-283. Cheltenham: Edward Elgar, 2015.

CREMASCHI, Sergio; DASCAL, Marcelo. "Malthus and Ricardo on Economic Methodology". *History of Political Economy*, v. 28, n. 3, p. 475-511, 1996.

CREMASCHI, Sergio; DASCAL, Marcelo. "Malthus and Ricardo: Two Styles for Economic Theory". *Science in Context* v.11 n.2, p. 229-254, 1998.

De MARCHI, Neil. "The Empirical Content and Longevity of Ricardian Economics". *Economica*, v. 37, n. 147, p. 257-276, 1970.

DOW, Sheila C. "Smith's Philosophy and Economic Methodology", in: Young, Jeffrey T. (ed.) *The Elgar Companion to Adam Smith*, p. 100-111. Cheltenham: Edward Elgar, 2009.

EVENSKY, Jerry. "The Moral Philosophical Frame of Adam Smith's Economic Thought", in: Young, Jeffrey T. (ed.) *The Elgar Companion to Adam Smith*, p. 112- 132. Cheltenham: Edward Elgar, 2009.

KIM, Kwangsu. "Adam Smith's 'History of Astronomy' and view of science". *Cambridge Journal of Economics* v. 36, n. 4, p. 799–820, 2012.

PHEBY, John. *Methodology and economics: a critical introduction*. Londres, Macmillan, 1988.

PULLEN, "Malthus on Causality". *The European Journal of the History of Economic Thought*, v. 23, n.3, p. 349-377, 2016.

PORTA, Pier Luigi. "Notes on Malthus" in: Kurz, Heinz D.; Salvadori, Neri (eds.) *The Elgar Companion to David Ricardo*, p. 380-386. Cheltenham: Edward Elgar, 2015.

REDMAN, Deborah. *The Rise of Political Economy as a Science: methodology and the classical economists*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

YOUNG, Jeffrey T. *Economics as a moral science: the political economy of Adam Smith*. Cheltenham: Edward Elgar, 1997.

WALTER, Ryan. *Before Method and Models: the political economy of Malthus and Ricardo*. Oxford: Oxford University Press, 2021.

WATERMAN, Anthony M C. "Malthus, mathematics and the mythology of coherence". *History of Political Economy*, v. 30,n. 4, p. 571-599, 1998.